



## Expectativas de Wall Street para o Brasil

MURILLO DE ARAGÃO

[27/OUT/2003]

Foram mais de 15 reuniões com grupos de investidores de todos os tipos e calibres em Wall Street nos últimos dias. O interesse que o Brasil desperta é grande e positivo. Mas não devemos nos iludir. O mercado continuará apoiando o Brasil se o rumo da austeridade fiscal e das reformas constitucionais continuar inalterado e se a política econômica conseguir trazer crescimento sem ameaçar o marco fiscal.

O bom momento nas expectativas decorre de uma conjunção muito favorável de eventos internos e externos. No front interno, o desempenho da equipe econômica é o ponto central, seguido do andamento das reformas. No front externo, o comércio internacional está sendo favorável, os Estados Unidos estão vivendo um período de aquecimento econômico e a Ásia também. Investidores estão voltando a se interessar pelos chamados mercados emergentes.

Para que tudo fique bem e as expectativas continuem positivas, o Brasil ainda tem uma dever de casa a cumprir baseado no receituário das reformas e do crescimento econômico. Além de torcer para que o ambiente externo não piore.

No entanto, existem preocupações sérias. Um dos temas recorrentes nos debates era a questão do marco regulatório dos setores elétrico e de telecomunicações. Os investidores estão cautelosos e preferem não apostar no setor enquanto tudo não ficar mais claro. Temem os novos projetos de lei que regulamentam as agências, temem a nova modelagem do setor elétrico e chegam a se preocupar com o perfil do novo conselheiro da Anatel e com as batalhas judiciais sobre as tarifas.

Outro tema recorrente é o medo de que o ímpeto reformista de Lula diminua com o sucesso alcançado até agora. Temem que os bons indicadores amenizem o esforço do governo e estimulem a adoção de políticas fiscais menos rígidas. Temem que um aumento excessivo dos investimentos de empresas públicas tenha repercussão fiscal negativa e ameace o quadro macroeconômico.

Outro temor refere-se à gerencia dos radicais da base governista, incluindo-se aí o MST e seus aliados. A vocação revolucionária dos movimentos liderados pelo MST preocupa por demonstrar que a eventual e improvável eficiência do governo no trato da questão agrária não será suficiente para diminuir o ímpeto revolucionário do grupo.

A situação fiscal também preocupa, uma vez que o acordo da dívida dos Estados e municípios com o Tesouro é um dos pilares da estabilidade econômica do país. Uma crise sistêmica dos governadores - mais de 16 Estados podem não ter recursos para pagar o 13º salário - ameaça o quadro fiscal e coloca no córner a Lei de Responsabilidade Fiscal e o acordo.

O menu das preocupações prossegue com temas relevantes. A questão externa e o encaminhamento das negociações da Alca despertam preocupação pelo tom agressivo entre o Departamento de Comércio dos Estados Unidos e o Itamaraty. Nunca na história recente o tom do debate foi tão agressivo.

A indefinição da agenda legislativa para 2004 é uma preocupação importante que

começa a ganhar corpo. Aqueles que querem apostar no crescimento econômico e no desenvolvimento social do Brasil gostariam de ver o prosseguimento das reformas. Especialmente, as reformas tributária, trabalhista, política e do Judiciário. Uma boa agenda de reformas é fundamental para as expectativas de 2004.

Por fim, a violência urbana no eixo Rio-São Paulo, e que já chega a Brasília, também preocupa. Especialmente pela constatação de que o aparelho policial brasileiro está desmotivado, desaparelhado e minado pela corrupção, e o governo federal não parecer ter empenho suficiente no trato da questão.

Assim, sob a ótica dos investidores que compram ações e títulos brasileiros, a ocorrência do esperado ciclo virtuoso de crescimento que, esperamos, estamos prestes a viver, pode ser minado ou ter sua intensidade amenizada, caso algumas das preocupações apontadas acima não tenham desdobramentos satisfatórios. O governo deve ter consciência de que o sucesso alcançado até agora pode desmoronar por conta de uma curta sucessão de equívocos. O mundo e os investidores continuam com potencial aversão a risco e desejosos de credibilidade, confiança e previsibilidade. Por outro lado, o menu de desafios já é de amplo conhecimento do núcleo duro do governo e pode ser atacado com boas chances de êxito.

Copyright © 1995, 2000, Jornal do Brasil. É proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo do JB Online para fins comerciais

<http://www.jb.com.br/jb/papel/opiniaio/2003/10/26/joropi20031026004.html>